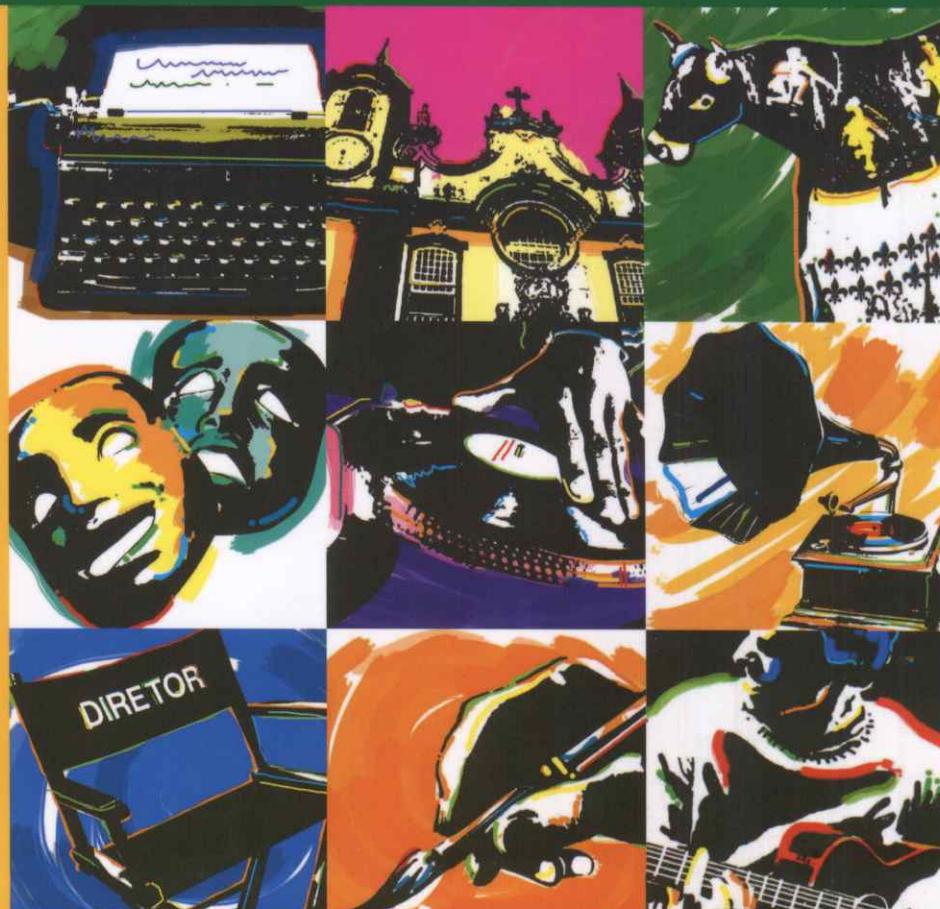


2 0 0 3



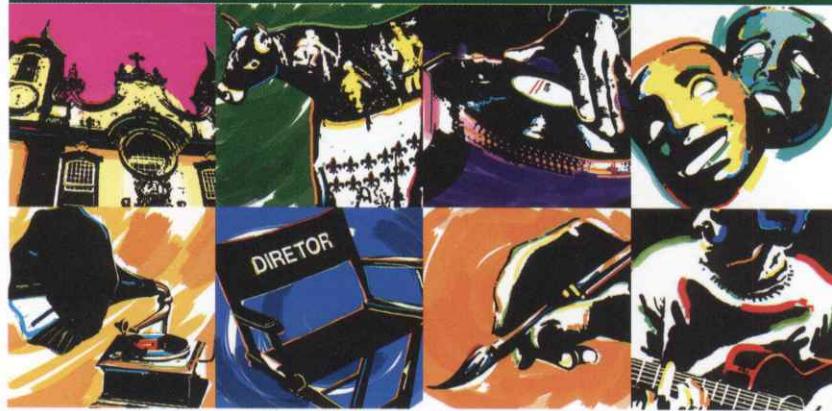
Ordem do Mérito Cultural

Uma Celebração da Diversidade Cultural Brasileira





**Bem-vindo à nona edição da cerimônia
de entrega das insignias
da Ordem do Mérito Cultural.**



Trata-se do reconhecimento e de uma homenagem do Governo Federal, por intermédio do Ministério da Cultura, a artistas, intelectuais e instituições que afirmam cotidianamente, em sua produção, a vitalidade e a diversidade cultural do país. Valoriza-se, aqui, um conceito amplo de cultura, que vai além das expressões artísticas tradicionais: cultura como o conjunto dinâmico de todos os atos criativos de nosso povo, usina de símbolos de cada comunidade e de toda a nação; cultura em sua dimensão econômica, fator de desenvolvimento e geração de renda e emprego; cultura como dinamo de transformações sociais.

A equipe do Ministério da Cultura e os ministros que participam do Conselho da Ordem, sob a orientação do Presidente da República, agraciam este ano 40 representantes de variados meios de expressão e regiões do Brasil, contemplando a pluralidade que marca a sociedade brasileira. Da capoeira ao *rock*, da teoria literária à pintura, do Sul ao Norte, de adultos a crianças, temos, em 2003, um mosaico de territórios de intervenção e de legados históricos que associam tradição e invenção. Procura-se, assim, fazer desta cerimônia uma celebração da diversidade cultural brasileira, que compõe, ao lado de nossa biodiversidade, o grande patrimônio do país.

Além de 28 pessoas, um grupo e uma dupla musical, são homenageadas também 10 instituições que reconhecidamente apresentam trabalhos bem-sucedidos de inclusão social por meio da cultura, arte-educação e atendimento especial a crianças e adolescentes em estado de risco. Optamos por destacar a infância e a juventude não porque sejam o amanhã, mas porque são o presente: síntese de nossas realizações e possibilidades e testemunho de que a vida é um espaço permanente de construção, em que a cultura faz-se de esteio para as mudanças estruturais com que sonhamos.

Inspirada na tradição luso-brasileira, a Ordem do Mérito Cultural é a única do país voltada exclusivamente para a valorização da cultura. Regulamentada em 1995, congrega atualmente cerca de duas centenas de personalidades e instituições de destaque. O Ministério da Cultura reafirma sua missão de buscar a inclusão da cultura nas políticas estratégicas do conjunto das instituições públicas, para que a ampliação do acesso dos brasileiros à produção e à fruição de bens culturais seja obra não apenas de um ministério, mas de todo o governo e de toda a sociedade.

A todos os homenageados, o nosso muito obrigado.





AfroReggae

A garra e determinação dos jovens do AfroReggae são uma prova viva da superação do adverso. Mostram que é possível transformar traumas em criatividade e que a arte, quando somada ao desejo de mudança, torna-se a principal via de esperança e transformação coletiva. O grupo nasceu em 1993, na cidade do Rio de Janeiro, para divulgar e valorizar a cultura negra. Primeiramente, criaram o *Jornal AfroReggae Notícias*, voltado para jovens ligados a ritmos como *reggae*, *soul*, *hip-hop*. Em seguida, foi criado o primeiro Núcleo Comunitário de Cultura, na favela de Vigário Geral, onde foram desenvolvidos diversos projetos sociais. A consolidação do grupo veio com a inauguração do Centro Cultural AfroReggae Vigário Legal, em 1997, que hoje atende a cerca de 500 jovens. Dentro dessas ações, surgiu a banda AfroReggae, em 1995, como forma de desviar os jovens do narcotráfico e oferecer uma alternativa em suas vidas. A banda reproduz o som das favelas do Rio de Janeiro numa mistura de mangue beat, rap paulistano, samba-reggae baiano e funk carioca. Nesses dez anos de atividades, o AfroReggae conseguiu investir na promoção de educação, cultura e arte para adolescentes e jovens de favelas, marcadas pela forte violência e carência de serviços. O grupo trouxe novas alternativas e caminhos pela e para a cidadania, mudando a perversa realidade por meio da beleza, do encanto e da arte.

Agostinho da Silva

In memoriam



Chamava de "povo português" não apenas os portugueses de Portugal, mas também os do Brasil, laçados de índios e negros, como também os da Índia, de Macau e de Timor Leste. Agostinho da Silva nasceu em 1906 na cidade de Porto, em Portugal, e morreu em 1994, em Lisboa. É apontado por seus discípulos como o quarto evangelista do pensamento messiânico português, juntamente com Luís de Camões, Padre Antonio Vieira e Fernando Pessoa. Criou o Centro de Estudos África Oriente na Universidade Federal da Bahia e foi um dos fundadores da universidade federal da Paraíba, Santa Catarina, Goiás e Brasília. Naturalizado brasileiro, foi um dos principais estudiosos da cultura de língua portuguesa. Entre suas obras estão *Sentido histórico das civilizações clássicas*; *A religião grega*; *Glosas*; *Sete cartas a um jovem filósofo*; *Diário de Alceste*; *Reflexão*; *Um Fernando Pessoa*; *Educação de Portugal*; *Do Agostinho em tomo do Pessoa*.





Aloísio Magalhães

In memoriam

O artista que soube conciliar o método e a pesquisa com a percepção sensível da erudição presente no cotidiano popular. Criou bases para um novo olhar sobre a imensa e complexa riqueza do fazer e do pensar em objetos e formas de todas as regiões do Brasil. Um dos *designers* mais importantes de sua época, nasceu em 1927, em uma família de políticos pernambucanos, e morreu na Itália, em 1982. Foi um dos idealizadores do Ministério da Cultura. Desenvolveu projetos conhecidos nacionalmente e internacionalmente, como a identidade visual da Petrobras (alterada há alguns anos), o desenho das notas do Cruzeiro Novo e o símbolo do Quarto Centenário do Rio de Janeiro. Recém-formado em Direito, foi estudar Museologia, em Paris. Na volta começou a trabalhar com *design* gráfico e a viver de sua pintura. Com a proposta de mobilizar estudantes para pensar no país em símbolos visuais, Aloísio Magalhães foi um dos fundadores da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 1962.

Antônio Nóbrega



Multiinstrumentista, cantor e dançarino, Nóbrega é um verdadeiro almanaque da cultura popular nordestina. Passa a permanente sensação de leveza flagrada no ato da criação. Ao vivo, faz do palco uma rua cheia de cor, canto, dança e poesia. Nasceu em Recife, em 1952, e há 30 anos vem provocando o interesse das platéias pelos cantores e por danças regionais do Nordeste. Violonista de formação erudita, participou da Orquestra de Câmara da Paraíba e da Orquestra Sinfônica do Recife. Nos anos 70 aceitou o convite de Ariano Suassuna e participou do Quinteto Armorial, com o qual gravou quatro discos e excursionou pelo mundo divulgando a música tradicional nordestina. A partir de 1976, passou a desenvolver um estilo próprio de concepção em artes cênicas, dança e música, que caracterizou espetáculos como A Bandeira do Divino, A Arte da Cantoria, Maracatu Misterioso. Em 1998, lançou o espetáculo Pernambuco falando para o Mundo. Seu trabalho mais recente é Lunário Perpétuo, que comemora seus 30 anos de carreira.





Ary Barroso

In memoriam

Paixão sem reservas pelo Brasil, sem o menor receio de desejá-lo: "meu Brasil brasileiro". Compositor, radialista, jornalista esportivo, opinião tão forte como a presença de espírito para respostas rápidas e desconcertantes. Criou verdadeiros "hinos nacionais" da canção popular, como Aquarela do Brasil – uma das 20 músicas mais executadas no mundo –, Na baixa do sapateiro, No tabuleiro da baiana, Camisa amarela, É luxo só, Morena boca de ouro, Risque e Folha morta, entre tantas outras. Ary Evangelista Barroso nasceu em 7 de novembro de 1903 na cidade de Ubá, Minas Gerais. Aos 12 anos iniciou carreira musical como pianista e depois foi morar no Rio de Janeiro, onde viveu por mais de 40 anos. Como autor da trilha sonora do filme Você já foi à Bahia? (1944), de Walt Disney, Ary Barroso concorreu ao Oscar e recebeu diploma de mérito da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. À frente do programa antológico A Hora do Calouro, na Rádio Nacional, Ary Barroso revelou nomes como Dolores Duran e Luiz Gonzaga.

Associação das Bandas de Congo da Serra



Criada em 9 de julho de 1968 pelo saudoso mestre Antônio Rosa, a Associação das Bandas de Congo da Serra promove a tradição folclórica da festa de São Benedito, considerada uma das mais ricas manifestações folclóricas do solo capixaba. A origem da festa é a lenda de São Benedito, que salvou os tripulantes de um navio negreiro que naufragou na costa capixaba. Os negros, então, fizeram a promessa de todo ano homenagear o santo pela graça obtida. A Associação das Bandas de Congo da Serra mantém essa tradição histórica, além de incentivar os costumes, a cultura e o folclore da região e manter associações de família e amigos. Congrega, atualmente, 10 bandas de Congo mirim e 11 formadas por adultos, todas do município de Serra, no Espírito Santo.





Bené Fonteles

Legítimo guardião de uma arte mestiça, espiritual e ecológica, Bené Fonteles pode ser considerado um gênio das sensibilidades. Assume-se como arte incorporada sem distinguir criador e criatura. O artista plástico e também compositor, poeta, programador visual e produtor cultural nasceu em Bragança, no Pará, em 1953. Desenvolveu suas obras misturando o artesanal com a tecnologia, dedicando-se especialmente à xerografia. Trabalhou com vídeos, *slides* e elementos da natureza – como pedras, penas, artefatos indígenas e areia. Preocupado com a discriminação e a falta de espaços culturais para a população nordestina de São Paulo, levou para o Viaduto do Chá, em junho de 1986, um pouco de sua exposição "Antes Arte do que Tarde". Lutou em defesa dos índios e pela transformação da Chapada dos Guimarães em parque ecológico. Redigiu a "Carta dos Artistas para os Habitantes da Terra", na Eco-92. É coordenador, desde 1987, do Movimento Artistas pela Natureza. Lançou o disco Bendito e os CDs Aê e Benditos. Em 1987, lançou uma obra inovadora: o álbum Silencioso, cuja proposta era de ouvir o silêncio – no álbum não há música, só existe a capa.



Benedito Nunes

Ao aproximar poesia e filosofia, Benedito Nunes é um dos maiores críticos literários do Brasil. Sua erudição é clara e inventiva. Estudioso de pensadores alemães – sobretudo Kant, Heidegger e Nietzsche –, Nunes propõe uma dimensão lírico-existencial-crítica única no ensaísmo brasileiro, com análises marcantes sob o enfoque poético-filosófico. Nascido na cidade de Belém, Pará, em 1929, Benedito Nunes aprendeu a ler aos quatro anos de idade e tornou-se professor na década de 50. É autor de estudos sobre Mario Faustino, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, além de vasta obra em que se destacam Passagem para o Poético: Filosofia e Poesia em Heidegger (1986), O Crivo de Papel (1999) e Hermenêutica e Poesia – O Pensamento Poético (1999). Fez mestrado na Sorbonne, em Paris. Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, posteriormente absorvida pela Universidade Federal do Pará.





Boi Caprichoso

Um dos maiores símbolos da tradição popular do Amazonas, o Boi Caprichoso é personagem da mais importante manifestação cultural da região Norte, o Festival de Parintins. A festa é marcada pela disputa entre o azul do Boi Caprichoso, conhecido como o "boi da elite", e o vermelho do Boi Garantido, conhecido como o "boi do povão". Ao som da Marujada (bateria do Caprichoso) ou da Batucada (a do Garantido), cerca de quatro mil brincantes dos dois grupos encarnam os personagens da lenda do Boi Bumbá e rituais amazônicos, disputando ano a ano o título do Festival. O Boi Caprichoso nasceu na noite do dia 20 de outubro de 1913. Representado pelas cores azul e branco, o boi traz uma estrela azul na testa. Sua história se confunde com as brincadeiras de boi, que desembarcaram no Nordeste, vindas da Europa, e seguiram para o Norte, passando por Manaus até chegar a Parintins. Nessa trajetória, o Boi conquistou corações, exercendo sua vocação de Boi popular, identificado com a cultura e as raízes do seu povo. O Boi Caprichoso ainda contempla um projeto social, a Escolinha de Artes que beneficia 800 crianças.



Boi Garantido

Um dos maiores símbolos da tradição popular do Amazonas, o Boi Garantido é personagem da mais importante manifestação cultural da região Norte, o Festival de Parintins. A festa é marcada pela disputa entre o vermelho do Boi Garantido, conhecido como o "boi do povão", e o azul do Boi Caprichoso, conhecido como o "boi da elite". Ao som da Batucada (bateria do Garantido) ou da Marujada (a do Caprichoso), cerca de quatro mil brincantes dos dois grupos encarnam os personagens da lenda do Boi Bumbá e rituais amazônicos, disputando ano a ano o título do Festival. Em 13 de junho de 1913, nasceu o Boi Garantido. Apareceu nos sonhos do curumim Lindolfo Monteverde, inspirado nas lendas contadas por sua avó do boi de pano que dançava nas noites de São João. Inicialmente, o menino de 11 anos fazia as brincadeiras de boi no quintal de sua casa. Mas foi aos seus 18 anos que o Garantido transformou-se num "Boi de promessa". Durante uma viagem ao Pará, Lindolfo teve sérios problemas de saúde e prometeu a São João Batista que, se ficasse curado, faria seu Boi brincar pelo resto de sua vida. Com a graça alcançada, a promessa foi cumprida. O Boi Garantido marcou diversos Festivais de Parintins, trazendo um coração vermelho entre os olhos e mantendo vivas as raízes do amazonense pela música e pela dança. O Boi também investe no desenvolvimento sociocultural da comunidade parintinense com o Projeto Garantido Jovem, que oferece cursos profissionalizantes aos jovens.





Cândido Portinari
In memoriam

A dignidade do trabalho e o valor da imagem popular – cara, corpo e o jeito especial de ser brasileiro – encontraram na obra de Portinari as expressões mais reveladoras do país em retrato, cor e temas sociais. Filho de imigrantes italianos, nasceu em Brodóski, interior do estado de São Paulo, em 1903. Considerado um dos maiores representantes da arte brasileira, Portinari estudou somente até a 3ª série do primário, manifestando, contudo, a vocação artística desde criança. Sua carreira de pintor começou quando adolescente, na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, onde viveu até sua morte prematura, aos 58 anos, em 1962. Com mais de cinco mil obras realizadas, de pequenos desenhos a grandes murais, foi reconhecido por vários prêmios internacionais. Seus painéis decoram a sede da ONU, em Nova Iorque, desde 1957, e a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, construída em 1940. Com a tela Café, recebeu menção honrosa do Prêmio Carnegie, no salão de exposições de Pittsburg (EUA), em 1935. Em seguida, produziu a série de pinturas Os Retirantes, um de seus principais trabalhos. Em 1946, recebeu a condecoração da Legião de Honra do governo francês, em Paris. Portinari não pintou apenas para a fruição estética, toda a sua obra está comprometida com valores sociais e humanos. A vida do pintor, tanto em sua arte quanto em sua militância política, foi toda dedicada a esses valores.



Carmen Costa

Demonstrou imenso talento tanto em superar preconceitos e adversidades sociais quanto na carreira composta de sucessos inesquecíveis. Soube impor a sua arte como exemplo de luta e vitória pessoal da própria mulher negra brasileira. A intérprete de Cachaça não é água nasceu em Trajano de Morais, no estado do Rio de Janeiro, em 1920. Iniciou sua carreira profissional cantando em dupla com o cantor Henrique. Sua primeira gravação individual foi em 1942, com Esta chegando a hora, que tornou-se um dos grandes sucessos carnavalescos do ano. Em 1945, mudou-se para os Estados Unidos e estrelou com carreira internacional. Apresentou-se em casas de renome em Nova Iorque, Caracas (Venezuela) e Bogotá (Colômbia). Cantora de grande popularidade na década de 1950, atuou também no cinema, em filmes como Carnaval em Marte e Vou te contá. Na década de 60, voltou a morar nos Estados Unidos e realizou excursões artísticas por diversos países. Lançou pela RCA Victor o LP intitulado Trinta anos depois, em 1973, no qual interpreta antigos sucessos e novas canções. Em 1974, lançou o LP A música de Paulo Vanzolini, disco reeditado em CD na década de 1990.





Casseta & Planeta

Com a ousadia que por vezes incomoda, mas quase sempre leva ao riso, a turma do Casseta & Planeta tem trajetória marcante na televisão e no humor brasileiro. Cômicos, irreverentes e por excelência politicamente incorretos, os Cassetas nasceram em 1978, quando Beto Silva, Hélio de La Peña e Marcelo Madureira, estudantes da faculdade de engenharia da UFRJ, resolveram lançar o jornalzinho mimeografado *Casseta Popular*. Dois anos depois, Bussunda e Cláudio Manoel se agregaram ao trio e a publicação virou tablóide. Em seguida, em 1984, Hubert e Reinaldo lançaram o polêmico *Planeta Diário*. Finalmente, em 1988, os sete uniram forças. Na época, já trabalhavam na TV Globo como redatores da TV Pirata. A estréia do grupo diante das câmeras foi no carnaval de 90, com entrevistas realizadas no sambódromo carioca. Desde então, os Cassetas criam e recriam na TV um humor inovador, ousado e inteligente. Já publicaram sete livros de piadas, com mais de 300 mil exemplares vendidos, e têm um dos sites mais visitados na Internet, com média de 38 mil visitantes por dia. Neste ano, lançaram o filme *A Taça do Mundo é Nossa*.

Chico Buarque



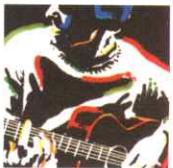
Soube reunir e respeitar a tradição do mais requintado na música popular e seguir adiante em ruptura, invenção e criação de verdadeiras obras-primas contemporâneas da cultura brasileira. Com alto grau de densidade poética, comentário cotidiano aguçado e percepção crítica da sociedade, a obra de Chico representa a resistência política sem nunca ter perdido a ternura. Chico Buarque nasceu no Rio de Janeiro em 1944, mas aos dois anos mudou-se com a família para São Paulo, onde foi criado. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda e de Dona Maria Amélia, desde pequeno teve contato com grandes personalidades que freqüentavam sua casa, como Vinicius de Moraes e Baden Powell, amigos dos pais e da irmã mais velha, Miúcha – também cantora e violonista –, que despertou em Chico a paixão pelo violão. Torna-se conhecido nacionalmente com a lirica-urbana de A Banda, em 1966, ano em que lançou seu primeiro disco. Perseguido pelo regime militar, exilou-se em Roma no final da década de 1960. Apesar de Você, Acorda Amor e Cálice foram algumas de suas músicas censuradas. Escreveu livros de sucesso como *Estorvo* (1991) – que recebeu o Prêmio Jabuti – *Benjamin* (1992) e *Budapeste* (2003). Chico Buarque também escreveu peças que marcam fases expressivas do teatro brasileiro, como Roda Viva, Gota D'Água, Ópera do Malandro. Sua estréia no panorama teatral foi em 1965, assinando a antológica música de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, na montagem do Teatro da Universidade Católica. Chico Buarque também escreveu roteiros para filmes e, em 1983, lançou, em parceria com Edu Lobo, o belíssimo álbum *O Grande Circo Místico*, em que se destaca a música Beatrix.





Coral dos Guarani de São Miguel das Missões

Crianças e jovens da tribo Guarani são exemplo de força e simplicidade em seu canto pela tradição indígena. Formado por 20 meninos e meninas, com idade entre 3 e 22 anos, o Coral dos Guarani utiliza técnicas de música, canto e dança ensinadas pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII. Sob regência do Cacique Floriano Romeu, o grupo foi criado em 2001. Na época, os guaranis festejavam grande conquista: depois de 300 anos voltavam a morar na reserva indígena Koenju (Amanhecer) – no município de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul –, de onde seus antepassados saíram após a Guerra Guaranítica. Todas as músicas são cantadas na língua nativa e fazem parte do Ritual do Encontro, *Yvy marã ey*, que significa Procura da Terra sem Males. As crianças e jovens do coral inovam na *performance* e no uso de instrumentos musicais rústicos, como bombos feitos com tronco de árvores, por exemplo, além de violão, com afinação própria da cultura guarani, violino de três cordas, chocalho e rabeca.



Dorival Caymmi

Um raro e concreto criador brasileiro, capaz de identificar sua terra, seu povo e, principalmente, seu mar na própria vida. Nasceu em Salvador, em 1914, onde logo incorporou a Bahia real e imaginária até hoje sagrada e consagrada em todo o mundo por suas músicas. Sua presença de palco e seu estilo singular de compor e cantar influenciaram várias gerações de músicos brasileiros. Foi auxiliar de escritório, vendedor de bebida e de barbante, ilustrador e até repórter. Ainda adolescente, aprendeu violão sozinho e não tardou a começar a compor. Aos 20 anos já cantava na Rádio Clube da Bahia e, aos 22, venceu um concurso de músicas para o carnaval com o samba *A Bahia Também Dá*. Foi para o Rio de Janeiro tentar o curso de Direito, mas, incentivado pelos amigos, optou pela música. Sua música *O que é que a baiana tem* foi tema do filme *Banana da Terra*, estrelado por Carmen Miranda. Em seguida, um dos seus clássicos, *O mar*, foi colocado em espetáculo promovido pela então primeira-dama Darcy Vargas.





Eduardo Bueno

Reconhecido por seu talento e capacidade de imprimir um ritmo moderno e original à narrativa de episódios históricos, o jornalista Eduardo Bueno consagrou-se por lançar novos olhares na história brasileira. Com um texto ágil e cativante, Bueno conciliou novas gerações com a história do país. Vendeu mais de 400 mil exemplares com a coleção Terra Brasilis, que em três volumes recupera a história do Brasil. Teve outros sucessos editoriais, como *Blá, Blá, Blá – A biografia autorizada dos Mamonas Assassinas*. Atualmente, é um dos escritores com o maior número de livros vendidos no Brasil e o primeiro, nos últimos 12 anos, a possuir três títulos na lista dos *best sellers* dos principais jornais e revistas do país. Como editor, Bueno é responsável por mais de 200 títulos, sendo escolhido o melhor editor do ano, em 1984, pela revista *Isto É*. Como jornalista, trabalhou nos principais jornais, revistas e emissoras de televisão do país, entre as quais: TV Globo, Manchete, TV Cultura, TV-Rs, *Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*, dentre outros. Eduardo Bueno também escreveu diversos roteiros de TV e cinema e traduziu livros de sucesso, como *On the Road*, de Jack Kerouac.

**Grêmio Recreativo e Cultural
Mangueira do Amanhã**



Eles estão aí para mostrar que no amanhã está toda a esperança e, no presente, a força da transformação. Batuque, dança, música e encanto unem mais de mil crianças de 7 a 17 anos na mais pura sintonia com as raízes do samba e com a tradição mangueirense. Com 13 anos de existência, o Grêmio Recreativo e Cultural Mangueira do Amanhã foi fundado pela cantora Alcione, inspirado no Império do Futuro. A idéia é manter as crianças em contato permanente com suas raízes e tradições, por meio de uma escola de samba mirim nos mesmos moldes da Estação Primeira de Mangueira. As crianças entram em contato com a história do Grêmio Recreativo, opinam sobre a escolha do enredo e do samba-enredo, além de participarem da criação de fantasias e alegorias. A escola mirim já chegou a se apresentar com 3 mil componentes e seu desfile, realizado às terças-feiras de carnaval, é resultado de um trabalho iniciado a cada mês de agosto. Além da preparação e do desfile propriamente dito, a Mangueira do Amanhã mantém um grupo menor de componentes, que se apresenta pelo país durante todo o ano. Hoje, 80% das crianças e adolescentes da escola mirim vêm da própria comunidade. A condição para participação é que a criança esteja matriculada em alguma instituição de ensino.





**Grupo Ponto de Partida
Meninos de Araçuaí**

Os Meninos de Araçuaí são um requinte cultural que cheira a infância e transborda flores secas do Vale do Jequitinhonha. Eles têm o orvalho da montanha e um tiquinho da poeira do sertão e são os exemplos mais pulsantes do renascer pela arte e pela cultura. Formado por 40 crianças com idade entre 7 e 14 anos, o canto coral dos Meninos de Araçuaí é coordenado pelo grupo teatral Ponto de Partida, de Barbacena, que atende a crianças e adolescentes em situação de risco. Pela música, esses meninos e meninas encontram uma nova forma de vivência na dura lida do Vale do Jequitinhonha. Para eles, a música é mais do que uma ocupação artística, é o despertar para a auto-estima, algumas vezes prejudicada pela falta de recursos e qualidade de vida na região. O coral já lançou CD, o Roda que Rola, que inspirou a criação de espetáculo com o mesmo nome, percorrendo várias cidades do país. O coral dos Meninos de Araçuaí é fruto da parceria entre Fundação Orsa, Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, Prefeitura de Araçuaí/MG e Colégio Nazareth.

Haroldo de Campos
In memoriam



Considerado o mais barroco dos concretistas, Haroldo de Campos tem sua obra poética inteiramente ligada ao movimento. A crença em uma "crise no verso" foi o estímulo para a criação de um dos trabalhos mais inventivos da literatura brasileira. Um dos precursores da Poesia Concreta, na década de 50, Haroldo de Campos nasceu em São Paulo, em 1929, e morreu neste ano, aos 73 anos. Poeta, ensaísta, crítico e tradutor paulista, exerceu grande influência sobre a poesia brasileira do século passado. Buscou novas formas de estruturação e sintaxe em curtos poemas-objeto ou longos poemas em prosa. Com o irmão, Augusto de Campos, e o poeta Décio Pignatari escreveu o Plano Piloto da Poesia Concreta. Traduziu poetas como Dante Alighieri, Ezra Pound, Mallarmé e Octavio Paz. Em 1993, traduziu do hebraico para o português o Livro do Antigo Testamento, mais conhecido como Eclesiastes, com o título de *Qohét* (aquele que sabe). Suas poesias estão reunidas nos livros *Xadrez de Estrelas*, *Galáxias* e *A Educação dos Cinco Sentidos*, entre outros. Em 1999, foi agraciado na Cidade do México com o Prêmio Octavio Paz de Poesia, por sua trajetória como escritor e tradutor.





Herbert Vianna

Sua vida e sua arte são verdadeiros testemunhos de amor, força e coragem. Conhecido pelas baladas românticas e o *pop-rock* de primeira qualidade, Hebert Vianna é vocalista e líder da banda Paralamas do Sucesso, que surgiu no começo da década de 1980, no Rio de Janeiro. Filho de Hermano Paes Vianna e Maria Teresa Lemos de Souza Vianna, nasceu em João Pessoa, na Paraíba, em 1961, mas a maior parte de sua infância foi vivida em Brasília. Os Paralamas tornaram-se conhecidos com a música *Vital e sua Moto* (1983), embora seu sucesso tenha ocorrido com a música *Óculos* e apresentação no Rock in Rio no ano de 1985. Gravou três discos solos (Ê Batumaré, Santorini Blues e O Som do Sim). Viúvo, pai de três filhos, Hebe, como é conhecido pelos amigos, quase perdeu a vida em acidente de ultraleve, em 2001, mas a garra e o grande amor pela vida fizeram-no superar as dificuldades. Felizmente, Hebert voltou a tocar e a cantar com os Paralamas, emocionando a todos pela sua vitória como músico e, sobretudo, como ser humano.



Jongo da Serrinha

Um fenômeno de alegria, batuque, graça e tradição, o Jongo da Serrinha há mais de 40 anos trabalha na promoção do jongo, uma das maiores relíquias da cultura popular brasileira. O Grupo Cultural Jongo da Serrinha (GCJS) foi criado em 2000 para dar continuidade aos trabalhos de preservação do patrimônio histórico do jongo e assistência social, desenvolvidos por Vovó Maria Joana Rezadeira e Mestre Darcy do Jongo. O grupo procura preservar e divulgar o patrimônio cultural afro-brasileiro e desenvolver trabalhos educativos e de capacitação profissional junto a crianças e jovens que sofrem com a violência e o subemprego. O projeto atende a crianças e jovens de baixa renda, apostando na arte-educação, na tradição e na cidadania, como instrumentos fundamentais para o resgate da auto-estima e o combate à discriminação e à exclusão social.





Jorge Mautner

Quando poucos se mostravam, o poeta, pensador e compositor Mautner se expunha em praça pública, aberto, radiante em uma espécie de vida-manifesto. Inspirou várias gerações pela originalidade permanente de frases e o jorro do poema rebelde aos modelos estabelecidos. Jorge Mautner inova em sua capacidade e contribuição multimídia. É cantor, compositor, instrumentista, escritor, jornalista, ator, artista plástico, cartunista e radical pensador. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1941, filho de refugiados que vieram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Foi descoberto pelo poeta Paulo Bonfim e pelo filósofo Vicente Pereira da Silva, que publicaram um de seus textos na revista *Diálogo*. Começou sua carreira musical em 1965 com duas músicas de protesto – *Radioatividade* e *Não, Não, Não* –, sendo por isso exilado e enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Morou em Nova Iorque e em Londres, onde dirigiu o filme *Demiurgo*. Em 1972, retornou ao Brasil. Tem sucessos gravados por grandes nomes da Música Popular Brasileira, como Maracatu Atômico, com Gilberto Gil; *O Vampiro*, com Caetano Veloso; *Lágrimas Negras*, com Gal Costa; e muitos outros. Sua trajetória artística passa pelo beat e o samba da Velha Guarda, pelo tropicalismo e a contracultura, pelo candomblé e o zen-budismo. É autor de diversos livros, dentre os quais, *Mitologia do Kaos – Obras Completas*. Neste ano, com a música *Eu não peço desculpa*, recebeu prêmio de melhor disco de MPB nas categorias brasileiras do Grammy Latino, em Miami.

Judith Cortesão



Dama da diversidade e das ciências, Judith Cortesão talvez seja a mulher que contribuiu para o Brasil de forma mais transdisciplinar. Considera-se brasileira, mas nasceu na cidade do Porto, em Portugal. Seu comprometimento e dedicação pelo país são tão marcantes que já honraram a Judith o título de cidadã honorária do Rio Grande/RS. Cortesão aprendeu quatorze línguas, dentre elas, árabe, esperanto e chinês. É formada em Medicina, Antropologia, Letras, Biblioteconomia, Meteorologia, Climatologia e Biologia, com cursos de especialização em Neuroendocrinologia, Genética e Reprodução Humana. Mesmo trabalhando em diversas áreas, sempre teve a Ecologia como principal foco de interesse e atuação. Foi uma das criadoras do programa Globo Ecologia e prestou consultoria a ONGs de renome na área ambiental como SOS Mata Atlântica e Instituto Acqua. Participou de duas expedições brasileiras à Antártida, em 1982 e 1983, e colaborou com a organização dos Museus Oceanográfico e Antártico, no Rio Grande do Sul. Lecionou em dezenas universidades, inclusive na Sorbonne (França) e na Open University (Grã-Bretanha). Escreveu dezenas livros, entre eles *Pantanal*, *Pantaneiros* e *Juréia*. Participou da elaboração de filmes, como *Taim*, sobre a reserva gaúcha. Com a TV Globo, idealizou dez filmes da série *Viva o mar, viva o povo que vive do mar*. Acompanhou missões da Unesco em Portugal e no Brasil. Na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), foi professora do único curso de pós-graduação em Educação Ambiental Marinha do Brasil. É viúva do literato português Agostinho da Silva.





Luiz Costa Lima

Crítico literário, ensaísta, professor e profundo conhecedor da literatura, Luiz Costa Lima é, sem dúvida, um dos legítimos representantes da intelectualidade brasileira com raízes nacionais sem perder a dimensão universal do humano. Nascido em 1937, o maranhense é autor de quinze obras de análise literária, entre as quais *Lira e antílira*, *Mímesis e modernidade*, *Limites da voz*, *O controle do imaginário* e *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Como formação acadêmica, fez o curso de Direito, na Universidade Federal de Pernambuco, mas teve forte influência de Paulo Freire, seu primeiro grande mestre, e de João Cabral de Melo Neto. Especializou-se em Sociologia da Arte e da Cultura, Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, dentre outras áreas. Estudou no Instituto de Cultura Hispânica, em Madri; na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal e na Harvard University, nos Estados Unidos. Em 1989, foi eleito um dos cinco melhores críticos literários do país por uma comissão de escritores e intelectuais formada pelo suplemento *Idéias*, do *Jornal do Brasil*. Atualmente é professor titular de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor associado na Pontifícia Universidade Católica (RJ). Autor de vários livros e célebres artigos sobre literatura.

Maestro Gilberto Mendes



Gilberto Mendes está entre os principais representantes da música contemporânea e de vanguarda no Brasil. Sua participação cultural tem forte conteúdo coletivo e mobilizador de questões políticas e estéticas, sem distinção. Nascido em Santos, no litoral paulista, em 1922, Mendes é fruto do mesmo paradigma contemporâneo de Pierre Boulez e Stockhausen. Após uma longa viagem à Europa, em 1959, durante o Festival da Juventude, em Viena, o compositor começou sua estreita ligação com a Neue Musik. É um dos responsáveis pela introdução das linguagens de vanguarda musical européia no Brasil, quando fez o Manifesto Música Nova, em junho de 1963, junto a Damiano Cozzella, Rogério e Regis Duprat, Sandino Hohagen, Júlio Medaglia, Willy Correia de Oliveira e Alexandre Pascoal. Suas obras *Beba Coca-Cola* (1967), *Santos Football Music* (1969), dentre outras, marcaram fortemente a música brasileira da segunda metade do século vinte. Em 1962, criou o Festival de Música Nova em Santos. É um dos nomes que mais contribuíram para o desenvolvimento da Cultura Brasileira. Foi professor nos Estados Unidos e na Faculdade de Música de Santos, da Universidade de São Paulo. De 1980 a 1992, escreveu inúmeros artigos para grandes jornais. Suas composições são tocadas nos principais eventos musicais do mundo.





Manoel de Barros

Entre coisas, bichos, gente e natureza da sua terra é o poeta sem pressa que melhor narra o explícito e o imaginário sob uma visão extraordinariamente sua e universal. Mutilador da realidade e pesquisador de expressões e significados verbais, Manoel de Barros é reconhecido como um dos maiores poetas contemporâneos do Brasil. Nasceu em Cuiabá, no Beco da Marinha, em dezembro de 1916. Foi criado em Corumbá, no Pantanal, "entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios", como ele mesmo diz em um de seus belos poemas. Dentre suas obras, há preciosidades como *Poemas concebidos sem pecado* (1937); *Compêndio para uso dos pássaros* (1960); *O Guardador das águas* (1989); *O livro das ignorâncias* (1993) e *O fazedor de amanhecer* (2001). Ao longo de sua carreira, foi agraciado com diversos prêmios, como o Prêmio Nestlé, pela obra *Livro sobre nada* (1997) e o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, pela publicação *Gramática expositiva do chão*. É considerado um dos poetas mais originais do século, sempre alvo de elogios no Brasil e no exterior. Millôr Fernandes, por exemplo, sempre afirmou que a obra de Manoel de Barros é "única e inaugural".



Marília Pêra

Forte presença no palco e na vida. Vocação intensa para o estrelato com talento e versatilidade no teatro, TV, cinema e música. Seus pais – Manuel Pêra e Dinorah Marzullo – eram atores e pela família estreou como atriz aos quatro anos e estudou balé por 12 anos. O teatro tinha tanto um encontro marcado com Marília que aos 19 dias de vida "atuou" como bebê numa peça protagonizada pela lendária Henriette Morineau, em 1943. Carioca, nascida em 1943, Marília tem uma trajetória participante e intensa em todos os campos da arte brasileira, material já suficiente para uma autobiografia lançada em 1999, a *Vissi D'Arte – 50 anos vividos para a arte*, de 392 páginas, com um farto balanço das dezenas de peças e musicais, filmes, novelas e minisséries. O título do livro bem define sua força e apetite pela vida: foi tirado de um trecho da ária da ópera *Tosca*, de Giacomo Puccini, libreto de Giuseppe Giacosa e Luigi Illica, em que diz: "Vissi d'arte, vissi d'amore. Non feci mai male ad anima viva!" (Vivi de arte, vivi de amor. Nunca fiz mal a nenhuma criatura viva); um panorama completo da consagração profissional e o tanto que a pessoa Marília revela-se como companheira, mãe e mulher brasileira contemporânea. Atuou na agitada montagem de José Celso Martinez para a peça *Roda Viva* (1968) e sofreu toda a onda repressiva descarregada sobre o espetáculo. Entre inúmeros espetáculos consagrados pelo público e crítica, fez Master Class na representação da diva Maria Callas. Premiada inúmeras vezes no Brasil, como seus dois Kikitos de Ouro para Melhor Atriz, no Festival de Gramado, por Bar Esperança (1982) e Anjos da Noite (1986), e no exterior, por sua primorosa atuação como a prostituta Suely no filme *Pixote – A Lei do mais Forte*, quando recebeu o prêmio da Associação de Críticos dos Estados Unidos. Recebeu, ainda, o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante, no Festival de Havana, por "Tieta do Agreste" (1996).





Mestre João Pequeno

Um dos mais vividos e importantes mestres da Capoeira Angola em atividade. Ginga em todos os sentidos esse mestre que se fez na vida e soube fazer da luta um balé. Ensina que os golpes podem ser revertidos pela arte. Nasceu no sertão baiano, em 1918. João Pequeno joga desde os 13 anos, foi discípulo de Mestre Pastinha – que sempre tão bem representou o Brasil e a arte negra no exterior. Disposição, agilidade e vitalidade não faltam ao capoeirista, em plena atividade aos seus 85 anos. Na Bahia, participa de rodas semanais para mestres em atividade. Em 1966, fez parte da delegação brasileira no Premier Festival des Arts Nègres, em Dakar, no Senegal. É constantemente convidado a ministrar cursos em todo o mundo. Muitos dos grandes mestres da nova geração angoleira passaram por sua academia, em Salvador. Aos jovens ensina que a capoeira deve ser praticada com dignidade e respeito e que jamais deve ser usada como forma de violência.

Milton Santos
In memoriam



Seu valor radicalmente humanista e o extremo comprometimento com a cultura brasileira criaram novas referências de pensamento inventivo e investigativo, sem perder extensões universais. Milton Santos é símbolo de profunda influência de caráter, atitude e testemunho no Brasil e no exterior. Geógrafo baiano, nasceu em 1926, em Brotas de Macaúbas, e morreu em São Paulo, em 2001. Autor de mais de 40 obras, publicadas dentro e fora do Brasil, ganhou o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud em 1994, considerado o maior na sua especialidade. Em 1950, tornou-se Doutor em Geografia pela Faculdade de Estrasburgo, na França. Foi vítima do golpe militar, ficando 100 dias preso em Salvador. Depois de libertado, seguiu para a França, onde lecionou nas Universidades de Bordeaux e Sorbonne. Também foi professor na Universidade da Columbia, em Nova Iorque, e ensinou em Toronto, no Canadá. De volta ao Brasil, foi professor emérito da Universidade de São Paulo e desenvolveu atuação marcante como consultor de organizações internacionais como ONU (Organização das Nações Unidas), OEA (Organização dos Estados Americanos) e OIT (Organização Internacional do Trabalho).





Moacyr Scliar

Um dos nomes mais expressivos da vida literária brasileira, nasceu em Porto Alegre, em 1937. É autor de 53 livros de diversos gêneros, especialmente crônica, romance, conto, ensaio e ficção juvenil. Seus pais, imigrantes judeus-russos, muito contribuíram para o seu gosto pela literatura. Publicou suas obras em vários países como Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha, Portugal, Noruega, Japão, Argentina, México, Canadá e Israel, dentre outros. Sua condição de filho de imigrantes e sua formação como médico de saúde pública são importantes influências em seu trabalho, cujo conhecimento e prática levam a um forte convívio com a realidade social do Brasil. Ao longo de sua carreira, conquistou vários prêmios, dentre eles: Academia Mineira de Letras, Érico Veríssimo, Jabuti, Guimarães Rosa e outros. Tem muitos trabalhos adaptados para o cinema, televisão, teatro e rádio.



Nelson Pereira dos Santos

Pelo seu olhar o cinema brasileiro cresceu em significado e compromisso com a realidade, sem perder o lirismo e a invenção. Influenciou toda uma geração pela sua arte e, mesmo, pelo seu testemunho histórico. Considerado um dos expoentes do Cinema Novo, Nelson Pereira dos Santos nasceu em São Paulo, em 1928. Sempre defendeu uma estética filmica com características nacionais. Títulos, condecorações e uma série de prêmios foram conquistados ao longo de sua brilhante carreira. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1953 e, nessa mesma década, dirigiu Rio 40 Graus, seu primeiro longa-metragem que marcou a geração que posteriormente faria deslanchar o movimento Cinema Novo. Vidas Secas (1963) é uma obra-prima do diretor, que fez uma adaptação da obra de Graciliano Ramos. Influências da Tropicália também foram assimiladas pelo cineasta, caracterizadas nos filmes Fome de Amor (1968), Azyllo Muito Louco (1969) e Como era Gostoso o meu Francês (1970). Outras produções de destaque do diretor são O Amuleto de Ogum, O Cinema de Lágrimas e Tenda dos Milagres, adaptação da obra de Jorge Amado.





Projeto Axé de Defesa e Proteção da Criança e do Adolescente

Considerado referência nacional e internacional no atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco, o Projeto Axé enche os olhos de qualquer educador comprometido com a vida e com o poder da educação. Criado em 1990, o Projeto Axé foi um dos primeiros projetos no país a apostar na arte, na educação e na cidadania como ferramentas fundamentais para a transformação e superação dos problemas sociais. Tem como objetivo levar educação integral a crianças e adolescentes, tornando-os capazes de estruturar um projeto de vida. Em seus 11 anos de atuação, o Axé já atendeu a mais de nove mil crianças e adolescentes, que receberam cuidados na formação de hábitos cotidianos de convivência, construídos num clima de positividade e interação. Desenvolvido em permanente contato com organizações públicas e entidades não-governamentais da área social, o trabalho já é referência no Brasil e no exterior, sendo reconhecido por organizações internacionais como o Unicef e a OIT.

Projeto Guri



Pela música a possibilidade de reinventar uma vida nova. Pela música compartilhada a oportunidade de revelar talentos individuais e consolidar a representação coletiva da comunidade. Pela música a fraternidade entre pessoas com muita força transformadora. Em 1995 nascia o Projeto Guri, da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, com o intuito de criar um novo conceito social de igualdades de condições para todas as crianças e adolescentes que vivem em lugares culturalmente carentes. O projeto utiliza a música como multiplicador de educação e cultura, com base na socialização, para a formação de orquestras-escola, corais e grupos musicais, que atendem a crianças e jovens na faixa etária de 8 a 19 anos. A metodologia usada é o ensino coletivo para a área de cordas, sopro, percussão e canto em corais. Os cursos oferecidos de violino, viola, violoncelo, baixo acústico, violão, cavaquinho, percussão, saxofone, clarinete, flauta, trompete, trombone e canto coral já atenderam a cerca de 60 mil crianças e adolescentes, em todo o estado de São Paulo, nos seus 101 pólos de atendimento.





Rita Lee

Cantora, compositora, instrumentista e escritora, Rita Lee é, sem dúvida, a primeira e maior roqueira do Brasil. Nasceu em São Paulo, em dezembro de 1947. Descendente de americanos e italianos, fez parte do grupo de fundadores do Tropicalismo. Sua capacidade criativa e seu talento são responsáveis pela desenvoltura musical, que abrange *rock*, *bossas*, baladas românticas e latinidades. Casada com o músico Roberto de Carvalho e mãe de três filhos, integrou, de 1966 a 1972, o conjunto Os Mutantes. O grupo marcou presença em famosos festivais de música, como o da TV Record, em 1967, quando acompanhou Gilberto Gil na música Domingo no Parque. Em 1973, montou a banda Tutti Frutti e gravou importantes discos como *Fruto Proibido*, considerado por muitos o melhor disco de *rock* nacional de todos os tempos. Rita Lee consagrou-se com músicas como *Ovelha Negra*, *Mamãe Natureza* e *Jardins da Babilônia*, dentre outras. Durante anos formou dupla com o marido e dessa parceria surgiram diversos discos, como *Mania de Você*, *Lança Perfume*, *Saúde* e *Flerte Fatal*. Tem experiência em programas de TV, já atuou no cinema e escreve para revistas.

Roberto Farias



Considerado um dos melhores profissionais dentro do clima não-industrial do Cinema Novo. Diretor cinematográfico, roteirista e produtor, nasceu em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em 1932. Começou sua vida profissional em 1950, na Atlântida Cinematográfica. Sua vasta experiência inclui a direção de 13 filmes de longa-metragem, dentre eles *O Assalto ao Trem Pagador*, *Rico Ri à Toa*, *Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera e Pra Frente, Brasil*. Também produziu 43 longas-metragens e vários curtas. Na década de 1970, foi diretor-geral da Embafilme e membro do júri do Festival de Huelva, na Espanha. Na TV Globo, seu trabalho é notável: dirigiu seis telefilmes, além de especiais e minisséries, como *A Máfia no Brasil*, *Memorial Maria Moura* e *Decadência*, dentre outras. Foi diretor-geral de todos os programas da série semanal *Brava Gente*. Seu currículo traz diversos prêmios e intensa participação em seminários e congressos sobre cinema, no Brasil e no exterior.





Rogério Sganzerla

Catarinense, nascido em 1946, mantém a coerência de uma obra livre e libertária sendo um dos mais expressivos realizadores do que se convencionou chamar de cinema independente. Sua busca resulta em imagens e pensamentos sempre oferecendo um foco novo em que a ruptura traga em si um pouco da tradição. Estreou como diretor em 1967, no curta-metragem Documentário, que lhe rendeu um prêmio e uma viagem a Cannes. Seu primeiro longa-metragem, *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), transformou-se em um dos mais premiados filmes brasileiros. Em 1969, filmou *A Mulher de Todos*, comédia precursora da pornochanchada e um dos maiores sucessos de público da época. Outras grandes realizações foram *Copacabana Mon Amour* e *Sem Essa, Aranha* – considerado um clássico do cinema de vanguarda. Sua mais recente criação é *O Signo do Caos*, concluído em 2003. Novos projetos do cineasta estão em andamento, como o longa-metragem *Luz nas Trevas – A revolta de Luz Vermelha*, uma contundente paráfrase sobre a violência urbana no Brasil.

Rubinho do Vale



Do vale do Jequitinhonha vieram tropas e tropeiros, com rapadura, diamantes, violas e tambores. Veio também o cantador Rubinho do Vale, trazendo consigo a voz do povo. Cantor e compositor nasceu em Rubim, no Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais). Desde menino gostava de fazer teatro na escola. Autodidata, desenvolveu sua forma de tocar e compor em Ouro Preto, onde estudou Geologia, ouvindo Geraldo Vandré, Elomar Figueira, Luiz Gonzaga e violeiros como Renato Andrade. Começou sua carreira musical em 1980 cantando em festivais e, em 1982, gravou seu primeiro disco – *Tropeiro de cantigas*. Suas músicas estão sempre ligadas à cultura popular e ao folclore. Seus últimos discos foram dedicados às crianças e hoje são utilizados como material didático por várias escolas. Pelos relevantes serviços prestados à Educação em Minas Gerais, foi condecorado, em 2002, com a Grande Medalha do Mérito Educacional.





Velha Guarda da Portela

A raiz da Portela é generosa e fraterna. Inúmeros bambas cresceram ali e o próprio Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela, simbolizou a elegância no samba e promoveu a aceitação dessa arte em outros meios. Na década de 20, surgem as primeiras lutas pelo respeito e a valorização profissional do sambista popular na Portela. A história feita na origem. Mais tarde, um discípulo dileto, outro Paulo, agora Paulinho da Viola, e a guerreira Clara Nunes decidem, em 1970, ser os padrinhos de uma seleção magnífica logo batizada Velha Guarda: Monarco, Casquinha, Argemiro, Doca, Eunice e Surica, além dos já falecidos Manacéa, Chico Santana e Chatin. Paulinho produziu o pioneiro e histórico Portela – Passado de Glória. Somente 16 anos depois o produtor japonês Katsunori Tanaka encanta-se com a obra e grava o segundo disco do grupo. O terceiro é para homenagear o "professor" eterno Paulo. E devagar o grande público vai percebendo a beleza extraordinária de uma grande amizade comunitária e sua arte. Finalmente o sucesso de massa consagra a Velha Guarda com o Tudo Azul (2000), junto a Marisa Monte, e o que era imenso muito mais cresceu sobre a base-mãe da raiz generosa. Eles nunca deixaram a poeira baixar. Celebram na abertura de seus espetáculos o Hino da Velha Guarda como o próprio traço de união da arte imortal do samba entre todas as gerações: "A Velha Guarda da Portela vem saudar/com este samba para a mocidade brincar". A Velha Guarda resistiu por ser maior que a simples guarda. Multiplicou magia e espalhou poesia para ser a senhora guardiã da magia.

Zezé di Camargo e Luciano



Com romantismo e simpatia, renovaram a música de tradição rural no Brasil até romper os rótulos do *pop urbano* para ser, apenas, música popular brasileira. Conseguiram números expressivos de sucessos. A dupla sertaneja começou sua trajetória de sucesso em 1991 com o lançamento do primeiro disco e a conhecidíssima É o Amor (alcançou um milhão de cópias vendidas). O segundo álbum da dupla, com *hits* como Meu Coração está em Pedaços, Muda de Vida e Coração na Contra-Mão, tornou-se Disco de Diamante. Zezé di Camargo nasceu em Pirenópolis, no dia 17 de agosto de 1962, e começou a cantar com nove anos. A parceria com Luciano, caçula dos oito filhos da família Camargo, nascido em 20 de janeiro de 1973, fez com que a dupla alcançasse o sucesso dentro e fora do país.

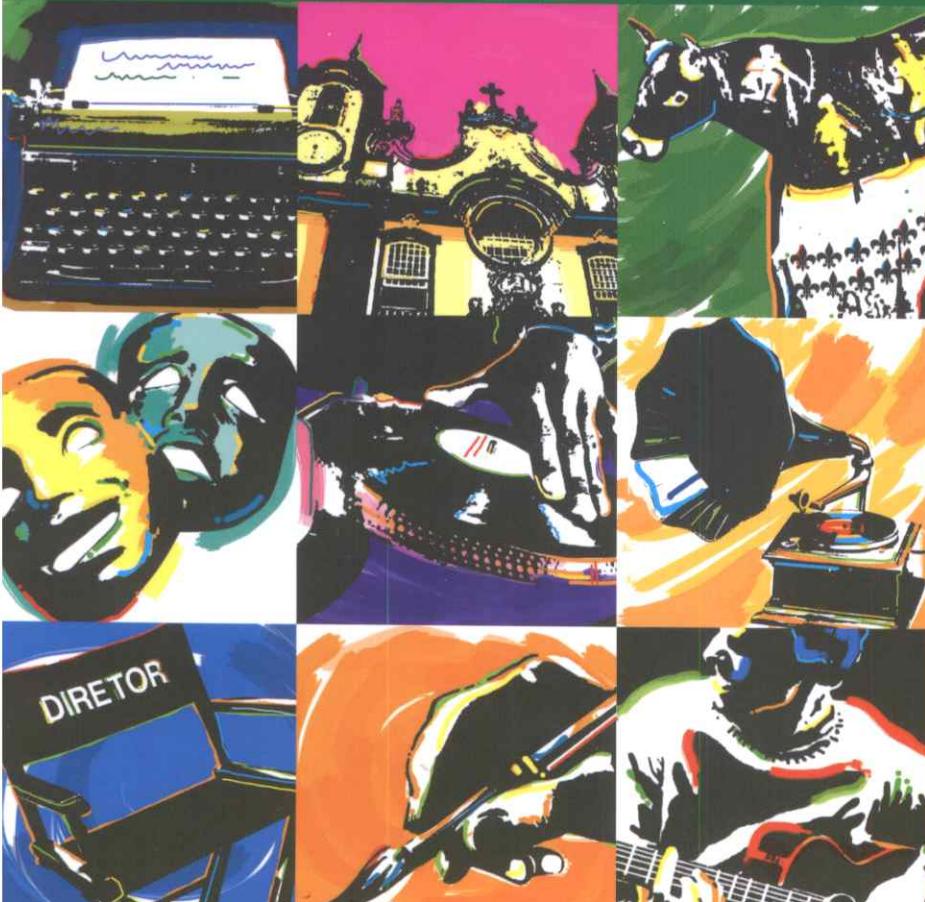




Ordem do Mérito Cultural

Uma Celebração da Diversidade Cultural Brasileira

2 0 0 3



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL